

- 1- Reinaldo Moura
- 2- Os temas do centenário ( Especial para o Correio do Povo)
- 3- Correio do Povo
- 4- Os temas do centenário
- 5- Porto Alegre
- 6- Sexta -feira , 1 de dezembro de 1933
- 7- Ano XXXIX número 278
- 8- Editoriais -Collaborações página 3
- 9- Bom
- 10- Roberta Martins
- 11- 03 / 07 / 95

## **OS THEMAS DO CENTENARIO ( ESPECIAL PARA O CORREIO DO POVO)**

O prestígio cinematográfico do romance moderno ainda não tentou o vago sonho de arte daquelles que prepararam a consagração intellectual do primeiro século de saudade farroupilha. Há como que uma atmosfera de ressurreição nos temas esparsos em torno desse espectáculo morto. Nenhum, porém, até agora fugiu ao círculo prestigioso das figuras de hontem, para explorar com o mágico instrumento da literatura moderna os temas da realidade rio-grandense. O romance com sabor de odysséa que Jayme Joyce exemplificou em Ulysses; a amostra veloz de Stefan Zweig; o milagre humano de Babitt na conquista admirável desse "yankee" de génio que é Sinclair Lewis; qualquer coisa assim que fosse uma expressão da vida

e não um artifício literário da irrealidade, posta ao serviço dos nossos temas regionaes daria, quem sabe?, um tocante resumo da nossa vida na figura mais representativa do typo da actualidade rio-grandense. Ninguém dirá, por certo, que o thema seja uma fuga para evitar a licção tranquilla da historia.

A alma que animou os gestos dos mortos na legenda, diluiu-se no sonho e no clamor das gerações de hoje. Um instante repete o outro, na diversidade creadora do espirito conductor dos povos em cada momento da vida. O estudante rio-grandense que vem da fazenda para a pensão, enfeitado ainda por essa nostalgia morrente dos tempos heroicos que fluctua no pampa em conflicto com a economia moderna, não será um optimo representativo, no conceito literario, para o desenvolvimento de um romance local?

Supponhamos, por exemplo, Chiquito, e a primeira pagina de sua tragedia espiritual, desambientando no duplo sentido da civilisação e do sonho ancestral.

Elle vae despertar para a vida do livro, e traz na mascara retocada pela arte, a inquieta alegria de viver numa ficção:

- Hun... humnnn...

Os musculos faciaes de Chiquito, no suave diluvio de rosa que a manhã derrama sobre o silencioso bocejo das coisas, tem, tremuras rapidas, instantaneas, esgares curtos, como si sobre aquellas superficies morenas onde renasce o crivo azulado da barba nova, insectos renitentes pousassem a irritação miuda e tilitante da cocega.

-Hunnnnnnnnn...

Durante um momento suas palpebras readquirem o inquieto movimento da vida. Dir-se-á que esta retorna ao corpo silencioso que se distendeu na elasticidade envolvente do somno, através das longas pestanas sedosas que começam a vibrar dentro da luz como séries oblongas de pequenas e finas antenas de um metal negro, flexível e oivo, captando as virtudes amadurecidas da claridade.

Vae um inicio de festa incompreendida nos retangulos especulares da vidraça. Meia folha está aberta e calçada, rasgando no recanto do quarto um pallido écran de vibrações, por onde entraram até a pouco os lyrios humidos e as vozes fugitivas da noite, e por onde a frescura azul prolongou, na suggestão de um sonho, os braços longos de arvores exquisitas como desenhos submarinos vestidos de verde. Os reflexos do mundo exterior que se desenrola como a evaporação de um orvalho, vem fluctuar no vidro da

janella pequenas fugas illusorias e coloridas da mentira nascente que vae lá fóra e vem se prolongar no instavel balanço dos reflexos, onde ganha um prestígio magico de traços de oiro entre as oscilações lentas de uma cortina de rendas que, no fundo, para alem da superficie côr de agua no vidro, crêa o scenario impossivel de um outro mundo mais absurdo e mais distante.

Vae se evaporando o somno daquelle quarto onde, pela narcose das coisas repousadas e immoveis, contrastando com os fulgores agudos, mas frios, e com as musicas estranguladas que povoaram, ali proximo, a frescura nocturna, passou lento, em seus golfões redondos e oleosos, um mar amarello de pantopom.

Mas o sonho de Chiquito não se povoará de medusas. Medusara-o, na hypnose de uma reminiscencia ancestral, como o gole curto de um alcool enterrado ha dez annos para adquirir a perfumada virtude de um gosto desconhecido, o sonho antigo na sua raça de visionarios ajoelhados diante dos espectaculos eternos da vida bravia e da morte.

Firme e tempestuoso, na prata de seus espiritos oniricos, fôra bem um centauro.

Trouxera, sem duvida, daquelle ultima permanencia na fazenda, as virtudes renovadas de uma saudade . Com o finalizar das férias academicas,

retornára á cidade e á pensão. Mas dessa vez, mais que das vezes anteriores, sem saber porque, sentira quasi a embriaguez dessa permanente ressurreição espiritual entre os tumulos incertos dos heróes do Rio Grande. Trouxera de lá, da antiga mansão paterna, o desencanto cruel de uma vião de ruinas. Quasi tudo ficára em escombros, so o desmoronamento de uma riqueza fragil. Continuará, lá fóra, entre o esplendor e a indiferença dos horizontes implacaveis, o drama dos rebanhos. A mesada do coronel mal daria agora para o “chopp”...

A revolta creava as visões esbatidas do passado.

-----

Resta agora escolher entre as innumeradas estradas do destino. Chiquito continuará os estudos? Ficar empregado publico não é possivel, pois o romance perderia todo interesse. Bancar o crupier, numa casa de jogo é mais forte. Daria a exacta visão do crepusculo de uma estirpe altaneira, tocada pela maldição de um destino impiedoso. Ha tambem o recurso politico das revoluções, digno fim para um neto orgulhoso de farroupilhas. Porem é necessario notar que Chiquito deve traçar com sulcos profundos, regados de lagrimas onde revoltas, a sua odysseá urbana. O descendente espiritual de

uma raça diluída na civilização, deve dar assumpo para o schema psicologico do homem acuado pelas forças da industria moderna.

Não representará elle á realidade implacavel do nosso destino, dentro deste ambiente transformado pelos imperativos economicos, e em marcha para a alegri feroz de uma civilização cosmopolita?

Reinaldo Moura